

O ENSAIO

ESCRITORIO DA REDACÇÃO.
PATEO DO PARAIZO
N. 26 1º ANDAR.

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO

PUBLICA-SE DUAS VEZES
POR MEZ A RAZÃO
DE 500 RÉIS.

*De Deus é maldição a ignorância,
Nas azas da instrução ao céu subimos.*

(W. SHAKSPEARE.)

Redactores — Oliveira Escorel e Henrique Capitolino

O ENSAIO

RECIFE, 15 DE JULHO DE 1876.

Na *Provincia* de 8 de Julho deparamos com uma carta que nos foi dirigida pelo Sr. M. Lopes, e se bem que não o conheçamos, todavia cabe-nos o irrecusavel dever de respondel-a, fazendo algumas considerações que nos suggerio a sua leitura.

Nos tempos que correm é de necessidade que tudo seja explicado, para que os interpretadores *gratuitos* não appareçam em *chusma* e não queiram dar outra traducção ao nosso pensamento.

Assim, pois, antes destes, nós aqui estamos para explicar as nossas idéas.

Na carta a que nos referimos fallou-se em defeza da liberdade do povo, em testas coroadas e cousas semelhantes. E' bem possivel, e cremos não nos enganar, que não falte por ahi quem nos queira classificar de liberaes e até de republicanos!

Cabe-nos, portanto, em quanto é tempo, ir protestando contra estes qualificativos, que por ventura nos queiram dar.

No n. 3.º do anno 1.º do nosso jornal já tivemos occasião de dizer quaes as nossas idéas a respeito de politica; mas será bom que sempre vamos repetindo. Como o anno passado, agora ainda dizemos:—Nós, como moços amantes do progresso e felicidade de nossa patria, só temos em vista uma idéa—a civilisação; somos soldados e militamos debaixo de uma bandeira, cujo moto é—sciencia, e por consequente liberdade e justiça. Somos apologistas e defensores de qualquer idéa, com tanto que della resulte o progresso e felicidade dos povos.—

Somos liberaes, é verdade; não liberal de

politica, mas liberal de coração! Defendemos esta idéa como um dom innato gravado por Deus no coração da humanidade, e não como esta ou aquella facção politica a quer e a entende.

Por emquanto (e Deus queira que seja para sempre) modelamos as nossas expressões pelo direito e pela justiça; fallamos sincera e francamente a linguagem do coração, e não nos importamos com o programma de politica alguma! Se censuramos o governo de nosso paiz, não é porque elle seja conservador ou liberal, que isto é questão de nomes; mas sim porque vemol-o destruir a divisão e harmonia dos nossos poderes politicos que, segundo o art. 9.º de nossa Constituição,—é o principio conservador dos direitos dos cidadãos, e o mais seguro meio de fazer effectivas as garantias que a Constituição offerece. —O poder executivo quasi que absolve todos os mais poderes, destruindo assim a divisão que deve reinar entre elles, e sem a qual não se podem inspeccionar mutuamente.

Como diz o Sr. Conselheiro Silveira de Souza: « Tal é infelizmente, o que entre nós acontece! Além das leis annuaes, obrigadas, e que ainda assim muitas vezes se prorogam a outros exercicios, limitam-se as nossas camaras a conceder loterias, dispensas para matriculas de estudantes e naturalisações, a approvar pensões ou cousas semelhantes, gastando o resto do tempo precioso em disputas vãs de politica abstracta, ou em reerimnações de interesses pessoaes contrariados. O que ha de mais importante em todos os ramos de nossa legislação e instituições, não lhes merece a minima attenção. Quando muito commettem ao governo a faculdade de entendel-as e de remendal-as a

seu talante, ou confirmam pelo silencio indefinido o que elle de seu *motu proprio* decreta em taes assumptos. Impassiveis ante o grito de reformas que parte de todos os angulos do imperio, parecem apostados por sua inercia ou incapacidade em não deixar á nação outra esperanza de ver resolvidos os grandes problemas que a preoccupam, senão a que lhe póde vir dos recursos do desespero que inspira a maxima latina: *una salus miseris nullam operare salutem.* »

E é por isto que nós defendemos os heróes e martyres de 17, 24 e 48. E' porque vemos que elles exerciam um direito legitimo, ainda que nascido da desesperação, e que se foram vencidos, todavia mostraram que não se calcam impunemente os direitos do povo! Pouco nos importa que elles fossem conservadores ou liberaes!

Se nós os defendemos, e até applaudimos, é porque « é-nos impossivel deixar de admirar, quér vençam, quér não, os gloriosos combatentes do porvir, os confessores da utopia. Mesmo quando succumbem são veneraveis, e é talvez no máo exito que tem mais magestade. A victoria, quando conforme ao progresso, merece o applauso dos povos; mas uma derrota heroica deve conciliar a sua compaixão. Uma é magnifica, a outra é sublime. Para nós, que preferimos o martyrio ao triumpho, John Brown é maior do que Washington, e Pisacane maior do que Garibaldi.

« Releva que alguém seja pelos vencidos. » (1)

Taes foram as idéas que nos despertou a leitura da carta á que nos referimos.

Terminamos lavrando um protesto de que não pertencemos a politica alguma, e agradecendo ao Sr. M. Lopes as palavras encomiasticas que nos dirigio.

H. C.

O Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira e suas obras litterarias.

(CONTINUAÇÃO)

Que differença de Torres Bandeira, o poeta crente, cuja lyra era sempre vibrada pelo sublime sentimento christão, o póeta da religião augusta do Calvario, para Byron, Shelley, Voltaire e Musset, esses grandes genios aclarados infelizmente pelo horrivel facho do scepticismo e da descrença!

(1) Victor Hugo — *Os Miseraveis.*

Que differença do nosso Lamartine, para estes poetas transviados, de que trata o nosso Alvares de Azevedo em sua rica analyse do poema—*Jacques Rolla*?

Que differença do talento guiado pela fé, para o talento encaminhado pela razão desvairada?

Alli flores bellas que expandem perfumes inebriantes, aqui flores tambem lindas; mas que em suas petalas aninham o aspide e de suas corollas expandem a corrupção.

Foi ainda movido por estes sentimentos de amor e dedicação á santa religião do Crucificado, que o Dr. Torres Bandeira publicou — *O cancionero christão* — volume de poesias religiosas, escriptas em homenagem aos heróes do christianismo.

E as suas composições eroticas?!

Que singelleza, que harmonia, que lyrismo existe nellas!

Parece que a alma poetica e apaixonada de Dirceu transmigrou da eternidade e veio-lhe inspirar a primorosa ode anacreontica, que assim começa:

Linda Marilia
Se o teu amor
Todo o rigor
Póde abrandar;

Porque motivo,
Sendo tão pura,
Tua ternura
M'ousas negar?!

Ah! nem supponhas
Que adoro alguém,
Que n'outro bem
Minh'alma está:

Inda algum dia
Minh'amizade
Tua beldade
Conquistará.

Mas ah! que disse?!
Que proferi?!
N'alma sentí
Viva paixão:

E tu Marilia,
Fiel, constante,
A um peito amante
Déste attenção.

Quantos suspiros
Tenho exhalado
No triste estado
Em que me vejo!

Gozar-te alegre,
Comtigo estar,
Por ti findar,
— Eis meu desejo. —

Parece-nos que o proprio Gonzaga não se recusaria á paternidade desta poesia, que tanto se assemelha ás suas lyras, na simplicidade, harmonia, cadencia e belleza do rhythmo.

*
* *

Além destas obras que se acham em volumes, os jornaes da época em que elle viveu se acham matisados de bellas flores expargidas pelo seu estro admiravel; sua penna incansavel escreveu em prosa e verso para quasi todos esses jornaes, dos quaes era redactor ou collaborador.

Assim é que publicou em diversos jornaes de Lisboa, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia bellissimos artigos de direito, politica e litteratura, como sejam:

— *Será conveniente que a propriedade individual seja substituida pela propriedade collectiva?*

— *Sobre a utilidade e preferencia do jury em materias civeis.* —

— *Será o progresso das sciencias nocivo a cultura da poesia? Prejudicará a civilização á imaginação?* —

— *O christianismo: estudos religiosos* (fragmentos de um livro inedito). —

— *A cruz: traducção em prosa do cap. VI do livro — A cruz dos dous mundos — de Rosselly de Lorgues, addicionada com algumas notas do traductor.* —

— *Uma pagina da historia romana. Os martyres; Polyucte ou Poliuto, tragedia christã, etc.* —

— *As almofadas sem franjas ou a salvacão do Brasil, assignado Paulo Emilio.* —

— *Fragmento de um livro inedito sobre litteratura dramatica.* —

— *O Drama: tentativa de critica litteraria (introducção a uma obra inedita).*

— *Divagações — Critica litteraria.* —

— *Juizo critico do volume de poesias — Amor e Patria — de Francisco Ignacio Ferreira.* —

— *Critica da critica.* —

— *A poesia: seu verdadeiro caracter.* —

— *Livro de Lembranças, collecção de quatro folhetins, assignados Archilochus.* —

— *Litteratura para todos, assignado Harmodius.* —

— *A Paraphrase dos Amores de Ovidio, pelo Sr. A. F. de Castilho.* —

Estes dous ultimos escriptos arrancaram da penna do Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho grandes e merecidos elogios, que não podemos deixar de transcrever. Vejamos:

Escrevendo ao Dr. Torres Bandeira assim

se exprime relativamente ao primeiro dos artigos:

« Li com particular attenção o artigo que V. enserio no *Progressista*, de 16 do passado, seu titulo é que talvez mais exprima modestia que realidade; aquillo não é *Litteratura para todos*. E nem mesmo eu hoje já creio em demagogias litterarias: o bello é apanagio das almas escolhidas, excepções, aristocracia de Deus. Os tempos correm máos para as letras, o Garibaldismo invadio todas as regiões, e parece que a superioridade envergonhada se esconde ou se disfarça. A intelligencia humana absorvida segundo as regiões, em liberdades e patriotadas, em annexões, em vias ferreas e dinheiro, em telegraphos e materia, em rasoura universal intolerante de toda a especie de cogulos—de sangue—de serviços—de merito—de posição—de virtudes—, não podia deixar de insurgirse até contra o cogulo do talento. Viva a igualdade e apeemos os montes e valles, para convertermos o universo n'um immenso e esplendido Josaphat! Em quanto reinarem estes mephyticos ares, entendo que a litteratura para todos é quasi litteratura para ninguém. Felizes os espiritos privilegiados que ainda se espairecem nessas utopias!

Parece que o plano de V. após estas generalidades, é tentar uma especie de curso de litteratura, em que sobresahirá provavelmente a tão pouco estudada litteratura patria, pois que as outras minas assás hão sido exploradas. Bom serviço será esse: crear o gosto por tamanhas, mas tão desconhecidas opulencias, é augmental'as. »

Entretanto poderão dizer os pessimistas, que tudo procuram destruir, que este juizo não tem merecimento, visto as relações que entretinham os dous litteratos; vejamos porém o seguinte que é sebremaneira superior e que foi feito ao *Ignoto Deo*, como o Sr. Castilho mesmo diz em outra carta e como manifesta claramente na presente.

« Lisongeira noticia me dá V. participando que tenciona publicar no *Diario de Pernambuco*, um juizo critico sobre os Amores, o que de antemão afiança obra de estudo e gosto; e já me faço uma festa d'essa leitura, que a Antonio F. ainda maior prazer, se é possivel, causará.

« Devo porém revelar-lhe um successo curioso. Terça feira passada, fui eu deliciosamente surprehendido com a leitura, no *Correio da Tarde*, de um dos mais magistraes artigos de critica litteraria, que ha longos tempos hei lido. A assignatura é por mim

desconhecida; o pseudonymo é *Abdallah el-Kretif*.

« Pureza de linguagem; elevação de pensamento; elegancia de phrase; mestria no plano; graça nos pormenores; alcance nos preceitos; erudição nos desenvolvimentos; apurado gosto nas apreciações... fôra uma obra *sine paucis maculis* se uma parcial benevolencia me não dêsse tambem um pequeno nicho n'aquelle pantheon do gosto.

« Corri, no dia immediato, ao *Correio da Tarde*, para que me revelasse quem era aquella magnifica penna, que assim se avantajava a quantas por aqui conheço.

« Então só me souberam dizer que era uma transcripção de folha de Pernambuco; se V. á ultima hora, me não houvesse escripto que ainda a sua memoria não estava publicada, confesso que lh'a attribuiria; mas assim vejo que o não posso fazer.

« E' de crer que V. tenha a fortuna de conhecer esse primoroso escriptor, cujo nome lhe rogo me revele. Em nome de meu irmão e no meu, queira significar-lhe que em nosso animo lutam dous sentimentos: o da admiração e o do reconhecimento, sem saber qual dos dous leva o outro de vencida; dedos são esses de gigante, que fazem almejar por obras, onde tanto saber, discernimento e genio tenham mais vasto estadio para percorrer, e patentear-se tão grande, como esta admiravel amostra nos convence que o é. »

Não pode-se dizer mais de um litterato.

E é este o homem que viveu nesta capital quasi que ignorado e desprezado dos seus!

(Continúa).

H. C.

HISTORIA PATRIA.

Esboco Historico da Provincia de Pernambuco

POR

H. C.

PARTE PRIMEIRA

(Continuação)

CAPITULO VIII

Morte de Duarte Coelho, primeiro donatario de Pernambuco.—Regencia de sua mulher D. Brites de Albuquerque.

Duarte Coelho, depois de ter, por meio de sua pericia e tactica de governar, obrigado os indigenas á paz e obediencia, usando da força para com os mais rebeldes, da brandura para com os mais cordatos, e de

um tratamento franco e leal para com todos, falleceu em Olinda a 7 de Agosto de 1554, tendo tido o prazer de presenciar em seus dias o rapido progresso e engrandecimento de seus dominios, e de ver-se tratado pelos seus subditos com toda a estima e respeito.

Honra seja feita ao nosso primeiro donatario! Guerreiro consummado, governador providente e experimentado, elle reunia o valor de um valente general á prudencia e tactica do homem de gabinete.

A sua viuva D. Brites de Albuquerque tomou a seus fracos hombros o governo da capitania, segundo se achava determinado no testamento, em virtude de achar-se estudando em Portugal o seu filho primogenito Duarte Coelho de Albuquerque, e o immediato Jorge de Albuquerque Coelho, ambos nascidos nesta capitania, o primeiro em 1537 e o segundo em 1539.

A valente tribu dos Cahetés que havia sido subjugada pelo valor e intrepidez de Duarte Coelho, e que todavia ardendo em desejos de vingar-se, não perdia occasião de o fazer, aproveitou-se de sua morte e da ausencia de seu primogenito, e declarou a guerra aos portuguezes e indios alliados, dando logo começo as hostilidades com um acto da mais terrivel barbaridade.

O primeiro bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha, discordando com o segundo governador geral D. Duarte da Costa, em um ponto de jurisdicção, embarcou para Lisboa, afim de submeter pessoalmente á apreciação d'el-rei as divergencias existentes entre elle e o governador geral.

Ainda tão cedo e quando o Brasil começava a florescer, já appareciam as dissensões entre a igreja e o estado, poderes estes que, longe de se guerrearem, deviam marchar sempre unidos e auxiliando-se mutuamente!

Naufragando, porém, entre o rio de S. Francisco e Cururipe o navio em que ia o bispo, pôde elle juntamente com o provedormór Antonio Cardoso de Barros e mais noventa e oito pessoas, incluindo-se os tripulantes, salvar-se do naufragio, para achar nas praias de Cururipe, onde aportaram, a morte mais horrorosa que é possível imaginar-se.

E de facto cahindo em poder dos Cahe-

tés á 25 de Fevereiro de 1556, neste mesmo dia foram dilacerados e comidos por estes abominaveis antropophagos, salvando-se apenas desta horrivel carnificina um só homem da tripolação, que fallava a lingua dos Cahetés e que foi o mensageiro da triste noticia á Bahia. ⁽¹⁾

Com este horrivel principio renovaram os Cahetés as hostilidades por algum tempo paralyzadas, graças ao valor de Duarte Coelho.

Foi como que a luva de desafio.

(Continúa).

O BARQUEIRO DO TIBRE

ROMANCE HISTORICO VERTIDO DO ORIGINAL ITALIANO DE ANTONIETTA KLITISCHE DE LA GRANGE, E OFFERECIDO Á ILLUSTRE REDACÇÃO DESTE PERIODICO.

PARTE I

(Continuação)

CAPITULO IV

O DESAPARECIMENTO

Com intensa dôr Valeria ouviu a fatal noticia, e não quiz prestar attenção ás palavras consoladoras de Marcello, que procurava fazer nascer-lhe no coração uma illusoria esperança.

A situação dos dous jovens não era por certo das mais lisongeiras; o dinheiro, que recebiam mensalmente, acabára-se; e, se bem que rodeados de objectos preciosos, podiam muito bem morrer de fome; verdade é que tinham muito que vender, mas não era tão facil encontrar um comprador naquelle instante; e, ainda que transviado, comtudo Marcello não tinha perdido ainda totalmente a probidade e não queria subtrahir nada daquillo que de direito pertencia aos credo-

(1) « Affirmam os historiadores desse tempo, que sendo o lugar onde o bispo foi morto e devorado (e que ainda conserva o nome de Monte do Bispo) mui fertil em produzir arvores silvestres frondosas, de tal sorte se esterilizou, depois desta scena horrivel, que nunca mais nasceu nelle folha alguma verde, ficando (diz Brito Freire) como epitaphio milagroso deste varão sagrado. » (Nota de Fernandes Gama).

res. Em taes circumstancias, pois, deliberaram abandonar a casa e os escravos, sob o pretexto de subita partida para a Dalmacia.

— Onde, em Roma, occultar a nossa vergonhosa miseria? interrogou Valeria, enxugando as lagrimas.

Marcello franziu a testa, e voltou o rosto para um lado afim de esconder a emoção que sentia, e respondeu:

— Nem sei mesmo, querida irmã, tenho a cabeça tão perturbada que parece-me estar louco.

— Não poderemos viver por isso mesmo, que não temos dinheiro, redarguiu Valeria.

— E' verdade, disse Marcello amargamente.

— Escuta-me, acrescentou a joven; e, afastando-se, pouco depois voltou com um cofre de cedro marchetado de prata, e entregando-o a Marcello, lhe disse em pranto: eis aqui as minhas joias, podemos vendel-as.

Valeria derramava ardentes lagrimas ao pronunciar estas palavras; privar-se daquelles adornos, que tanto amava, era o maior sacrificio que podia fazer á propria vaidade; era o primeiro tributo doloroso, que a miseria lhe impunha; e antes quizer ella dar dez annos de sua vida do que desfazer-se daquellas joias que faziam realçar a sua belleza.

— Na rua Argillette, onde estão os vendedores de preciosas pedras, eu sou conhecido, disse Marcello que só com a idéa de apresentar-se na qualidade de humilde vendedor, lá mesmo onde sempre fizera grandes compras, corou de vergonha.

— E não podemos mandar Milo? perguntou Valeria.

— Mas que prestimo encontras tu nesse aborto da natureza? Elle só serve para provocar o escarneo, replicou Marcello com impaciencia; e quasi nesse mesmo instante sentio alguém aproximar-se vagamente; surprehendido voltou-se e vio Milo que, sustendo a custo uma bolsa de couro, estava a um canto muito timidamente.

— Que queres? lhe disse o joven bruscamente.

— Patricio, o mensageiro chegado da Dalmacia me narrou a morte de teu tio;

tens necessidade de dinheiro, pois que a época em que costumavas receber-o passou; toma este que te trago, é pouco, porém não possuo mais; a tua recusa muito me constrangirá.

— Como obtiveste este dinheiro? inquirio Marcello imperiosamente.

— Pertence-me, respondeu Milo, por mais de uma vez me déste algumas moedas, além disto eu vendia a parte que me tocava dos sobejos dos teus banquetes, e, graças á minha avara economia, consegui ajuntar esta quantia, prevendo que cedo ou tarde os filhos da minha bemfeitora della haviam de necessitar.

Marcello corou. Aceitar o auxilio daquelle pobre diabo, de quem tantas vezes escarnecêra, parecia-lhe a maior das humilhações; pelo que, rejeitando a bolsa, permaneceu silencioso.

(Continúa.)

Impressão da morte do Dr. J. Soares d'Azevedo.

(ALLEGORIA)

Aos seus filhos e especialmente ao meu amigo e ex-companheiro Dr. Benjamim Soares d'Azevedo.

*So when with idle skill the wanton boy
Breathes through his tube; he sees, with eager joy
The trembling bubble, in its rising small;
And by degrees expands the glittering ball,
But when, to full perfection blown, it flies
High in the air, and shines in various dyes,
The little monarch, with a falling tear,
Sees his world burst at once, and disappear.
'Tis not in sorrow to reverse our doom,
No groans unlock th' inexorable tomb!*

YOUNG. *On the death of queen Anne.*

Rico de seiba e vida,
Tenue arbusto mimoso
Da culta Europa germinou no solo
Em ameno jardim maravilhoso.

Honra e orgulho e gloria
Do reino vegetal, da natureza,
Que prodiga lhe fôra
Dando-lhe singular viço e belleza...

Alli, no patrio clima,
Sempre de brandas auras affagado,
De sabio horticultor entregue sempre
Ao pródigo cuidado,

A estender começou galhos e frondes,
Cuja grata verdura e louçania
As vistas curiosas
Já então attrahia.

Alli promettedoras lhe apontaram
Da linda primavera as primas flores,
Ostentando mil fórmas,
Exquisitos perfumes, vivas côres.

Alli, os primos fructos
Do sazonado outono ameno e grato,
A' todos seduzindo
A vista, o gosto, o olfato.

Assim, á pouco e pouco ia crescendo
Ao pródigo cuidado
De sabio horticultor entregue sempre,
Sempre de amigas auras bafejado;—

Quando, por lei da sorte, eis que o transplantam
Para o solo fecundo
Da America risonha,
Da Colombia região, do novo mundo.

Brevemente aclimado, para logo
Aqui fundas raizes foi creando,
E de nova folhagem
E de novos matizes se adornando.

Mil novas flores e mil fructos novos
Em novo outono, em nova primavera,
Então foi produzindo
Da Athlantida gentil na vasta esphera.

O tempo perpassava
Acarretando alternos noite e dia,
Uma estação a outra
Continuo succedia...

E aquelle antigo arbusto
Tenro, fragil, mimoso,
Da culta Europa germinado acaso
No terreno ubertoso...

Ei-lo, arvor' colossal, arvor' gigante,
Como os cedros do Libano afamado!
Ao pasmo observador movendo assombros,
Ei-lo já transformado!

A' basta sombra amiga, projectada
Pelos seus verdes ramos hospedeiros,
Cançados se abrigavam
Mil avidos romeiros.

Mil avidos romeiros... que os perfumes
Das balsamicas flores lhe espiravam,
E o sabor delicioso
Dos exquisitos pomos lhe gostavam.

Longo tempo, engolphados
Em doces pensamentos,
Alli permaneciam
Recebendo vivificos alentos.

Quando, afinal, um dia
Por cumprirem seus fados rigorosos,
D'alli se retiravam... iam todos
Sentidissimos, tristes e saudosos.

E d'alli por diante
Nunca mais o esqueciam,
Reverentes e gratos
Em a mente, indelevel, o traziam.

Affanosas abelhas,
O succo delicado sugar vinham
De que o mel fabricavam
Com que seus favos sempre cheios tinham.

E perpassava o tempo
Na sua marcha ovante,
Revezando estações, eternamente
Mutavel, cambiante...

E cada vez mais bello se ostentava
O transformado arbusto,
De anno em anno, oh prodigio! se tornando
Mais frondoso e copado, mais robusto.

Debalde o humido inverno friorento
As variegadas folhas lhe arrancava!
O tórrido verão flammispirante
Debalde lh'as crestava!

A nova primavera, o novo outono
Prestes lhes succedia;
E de nova ramagem mais brilhante
Então o guarnecia.

E assim o grande arbusço,
Já quasi secular, immortal quasi,
Campeava na sua
Mais imponente phase!

Já c'roado de innumerous janeiros,
Já de verdor despido,
A' hirtto e secco tronco
Já emfim reduzido...

Embora! ainda assim, se conservava
De pé, sempre garboso,
Sob a hospedeira copa offerecendo
Ao lasso viajor doce repouso.

Aquella colossal, immensa altura,
Aquelle annoso tronco,
Aquelles ramos todos esgalhados,
Aquelle aspecto bronco...

Tudo aquillo infundia
Amor, veneração, respeito, culto;
Tudo aquillo indicava
Raro, tradicional, egregio vulto!

Era a mesma imponencia d'outras eras,
A mesma magestade,
A mesma galhardia,
A mesma salutar fecundidade!

Mas oh! terrivel lei da contingencia!
Oh! lei irrevogavel,
Que os mortaes exterminas,
Fatal, inexoravel!

Elle, que tantas vezes
Mil furiosos nortes affrontara,
Em grandes tempestades desabridas,
Que affoito assoberbara,

Elle, que parecia
Invulneravel... Céos! eis que baqueia
Ao riço golpe do fulmineo raio,
Que á cinzas o reduz, que o incendeia!

E agora o que é que resta?
A saudosa lembrança immorredoura
Da arvor' que tão bons fructos dera sempre
E que tão util fôra.

Sentida sempre entre os diversos povos
De ambos os hemispherios,
Foi sua queda infausta
Igual á das nações, á dos imperios.

Tal, meus caros amigos,
O mesto quadro, o quadro lutuoso,
Que suggerio-me a idéa
No transe, que passastes, doloroso.

Fiz-lhe o rapido esboço,
Conforme auxiliou-me a phantasia,
Que já não tem as tintas com que algures
Suas paysagens colorir sohia.

E' modesta homenagem
A' honrada memoria
Do venerando autor de vossos dias,
De quem o proprio nome é a mór gloria.

Oh! inspirai-vos nelle,
Segui-lhe sempre os affanosos trilhos!
Um grande pai tivestes:
Sede-lhe dignos filhos.

1876.

Francino Cismontano.

—
Soneto.

(No dia do meu anniversario.)

« Minha mãe! os prazeres
do amor, e as rosas da vida
— tudo — tudo marchou-me
sobre teu tumulo. »

(WERNER).

O que é a vida? Um mar de amargos prantos,
Pelago immenso em que fluctua o homem!
Abysmos tredos, onde se consomem,
Glorias, bellezas com seus vãos encantos!

Tão moço ainda! E já não tenho cantos,
Com que os dias se entrem, se somem!
Prazer não gózo, sem que logo assomem
A' minha mente, dissabores tantos.

Em tristeza minha alma dolorida
Chora, pranteia com ardor aquella,
Que fôra do meu ser fonte querida!

Sonhos, futuro, mocidade bella,
Prazeres do amor, rosas da vida...
Tudo, tudo perdi; foi-se com ella!

15 de julho de 1876.

Alcipreste.

Revista.

Pelino Guedes.—Segundo noticiaram os jornaes desta cidade, falleceu no Rio de Janeiro, para onde se retirára ha poucos mezes, o nosso comprovinciano Pelino Guedes, autor das—*Nuens esparsas*—bello cofre-zinho, onde, apar de outras joias, sobresaheem ao nosso ver—*Saudades do sertão*—e—*A vida e o tumulo.*

Além deste volume de poesias, consta-nos que já tinha colleccionado outro que tratava de publicar.

Contava apenas 28 para 29 annos!

E' mais um a enfileirar-se nas phalanges dos martyres da morte prematura!

Antes de deixar a sua provincia natal, publicou em diversos jornaes desta cidade uma bella poesia intitulada—*Adeus á Pernambuco.*

Parece que adevinhava, ao despedir-se do solo natal, que não mais voltaria!

« Em breve nas salsas ondas
Saudoso me irei lançar;
Exposto ao rigor dos ventos
Levado á mercê do mar!
Adeus, ó terra adorada,
Meu rico berço de amores,
Vou partir cheio de dores
Para mais nunca voltar!

« E' tempo, soou a hora!...
Já ouço o signal nos céus;
E' Deus quem me ordena, vamos!
Findaram-se os cantos meus.

Vou partir cheio de dores,
Deus o quer, cumpra-se a sina;
Adeus, patria peregrina,
Adeus, para sempre, adeus!

Pobre poeta, realisou-se o seu presentimento!

« E' mais uma das flores da corôa da mocidade que se desfolha ao vento do sepulchro! »

* * *

Anna Aurora de Jesus Ribeiro.—Falleceu tambem no dia 5 deste mez esta heroína pernambucana, que com toda intrepidez defendeu quanto pôde o cadaver de Nunes Machado!

Recusou-se a dar a chave da capella em que estava depositado o seu cadaver, muito embora as ameaças e as offensas da turba vencedora!

Não foi o heroismo de Judith cravando o punhal no peito de Holophernes, não foi a bravura de Joanna d'Arc marchando contra os inglezes á frente de 8,000 homens, não; foi o heroismo do silencio, immovel, — de braços cruzados.

Ao menos não se diga que o patriota pernambucano não teve um anjo que velasse sobre os seus restos!

Honra á memoria da heroína!

* * *

Jornaes.—Recebemos de S. Paulo os jornaes: *Consciencia, Constitucional e Catholico*, todos tres redigidos por estudantes da Faculdade de Direito, e que muito se recommendam pelos seus escriptos.

Desta provincia continuamos a receber: *Academus, Estréu, Diabo a Quatro, Lucta, A Vontade, Idéa Conservadora, Liberal Victoriense e Victoriense.*

A' todas as redacções agradecemos e enviaremos o nosso periodico.

* * *

Correcção.—Na poesia—Recordação—que se publicou no numero passado, leia-se na 1.^a estrophe *segredar-te* em vez de *segreda-te*; na 2.^a *causa* em vez de *causa*; na 5.^a *tráfego* em vez de *trafego*, *brincar* em vez de *bricar*, ou *prado* em vez de *o prado*, *bafeja* em vez de *bafejas*; na 6.^a finalmente *magia* em vez de *margia*.